**AS ASSOCIAÇÕES DE TRABALHADORES COMO REDES DE SOLIDARIEDADE: EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO NOS ANOS 1920.**

Renata Rodrigues Chagas Pessoa

(Doutoranda: PPGEDU/FFP/UERJ)

O trabalho tem por objetivo analisar as contribuições de organizações de trabalhadores na cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1920 enquanto *espaçostempos* educativos. No contexto de reorganização da cidade carioca, em meio a relações de tensões, conflito e negociações, importa circunstanciar experiências de solidariedade e diálogos das classes trabalhadoras. Considerando as desigualdades sociais e as frequentes estratégias de grupos dirigentes, forças desejosas de manter a concentração de renda e poder, analisamos como os trabalhadores construíram formas de produzir seus cotidianos e de criarem espaços de crítica e de formulações sobre suas vidas por meio das associações. Assim, homens e mulheres pertencentes às classes populares atuaram sobre seus modos de viver, com trajetórias e interesses distintos, que partilhavam em comum o desejo pela conquista de expressão de suas vozes, criando espaços de debates e de ação em busca de seus direitos.

Palavras Chaves: associações de trabalhadores, práticas educativas, experiências, redes de solidariedade

**Introdução**

A educação foi uma temática debatida por muitos grupos sociais, sob diversas perspectivas, no contexto das primeiras décadas da República. Em prol de sua expansão na capital federal, por exemplo, percebe-se que ações e estratégias foram pensadas tanto pelo governo, quanto por grupos assistencialistas e de iniciativa privada. Era urgente uma educação e uma instrução segundo os propósitos da organização social pretendida. Com este intento, difundia-se, por parte das forças dirigentes, projetos pensados e arquitetados, com a finalidade da almejada modernização da cidade.

Outros debates foram elaborados, como podemos acompanhar a partir das organizações de trabalhadores, analisados a partir dos jornais operários, a exemplo de *Voz do Povo*, veiculado no ano de 1920. Nesse contexto, percorremos debates pleiteados por trabalhadores, suas ações coletivas e as bandeiras que levantavam por meio de suas produções.

Trabalhadores e trabalhadoras da indústria, do comércio e de serviços, homens e mulheres comuns no cenário carioca, constituíram a partir de suas experiências (Thompson, 1981, p. 182), os cotidianos que também podem ser analisados por meio das dinâmicas das organizações de trabalhadores com assembleias, reuniões e suas produções, a exemplo de estatutos, atas e criação de jornais como forma de registrar, pontuar e difundir suas defesas, propostas e iniciativas.

Podemos acompanhar registros, representações de experiências vividas nas associações, que nos permitem interpretar histórias por vezes suprimidas e invisibilizadas. Este caminho justifica as escolhas das associações de trabalhadores selecionadas enquanto documentação elaborada por e com trabalhadores. Estas, por sua vez, demonstram estratégias de iniciativas educacionais, seja com ações empreendidas para criação e manutenção de bibliotecas, escolas ou processos educativos como eventos relacionados a teatro, cinema e demais práticas educativas não sistematizadas.

Em alguns movimentos sobre suas vidas, é possível atentar para atuações que dão a ver como os processos formativos podem ser compreendidos para além da escolarização sistematizada, referente ao ensino por meio de escolas e cursos. Pedidos de conferências, reuniões, assembleias e organizações de festivais, por exemplo, podem ser analisados como rastros da presença de iniciativas educativas de perfis variados. Com isso, olhamos a partir de outras óticas que podem ampliar a compreensão dos movimentos educativos dos trabalhadores com diferentes elementos culturais.

**As múltiplas experiências e iniciativas educativas pelas associações de trabalhadores**

Vale ressaltar a diversidade de perfis e configurações (Batalha, 1999; 2000), segundo a natureza das associações, sindicatos e o caráter das organizações de trabalhadores. As associações e uniões poderiam ser de perfil sindical, assistencial, mutualista, beneficente e política, geralmente articuladas a um partido político contando com categorias diversificadas de sócios e movimentações distintas, de acordo com seus objetivos.

As organizações mutualistas prestavam auxílio, apoio com relação a atendimento hospitalar, medicamentos e auxílio financeiro em sepultamentos. Também atuavam em ações de festas, jogos e demais promoções de lazer. As organizações de perfil sindical possuíam uma atuação com maior embate no mundo do trabalho. Conforme afirma Batalha, “Essas novas organizações surgiram com as denominações mais diversas: associação, centro, grêmio, liga, sociedade, união e, até mesmo, sindicato” (2000, p. 15). Nos discursos e em algumas práticas poderiam ter diferenças significativas, no entanto, apresentavam elementos empreendidos por ambos os perfis de organizações, como auxílios, festas e demais eventos.

No contexto estabelecido a partir de 1917, demarcava-se de forma mais direta os conflitos dos trabalhadores com capitalistas e forças associadas ao Estado e/ou patronato (Batalha, 2004). As proposições centravam-se com mais afinco nos direitos dos trabalhadores, relativo a uma ou mais categorias profissionais.

Acerca de um projeto cultural vindo do movimento operário, Batalha (2004) analisa elementos culturais construídos nos espaços sociais de trocas e interações, destacando também os processos formativos por meio de vivências individuais e coletivas. Com base nessa compreensão, analisamos como as associações foram também um instrumento de propagação e difusão de iniciativas diversificadas com caráter formativo e que constituíram, por meio de seus elementos, uma cultura associativa plural, composta por encontros, diálogos e ações envolvendo pensamentos e ações das classes trabalhadoras.

Ao tratar a “cultura associativa”, Batalha (2004) analisa “o hábito de associar-se, à tendência – facilmente observável no Rio de Janeiro dos primeiros anos do século XX – de conferir uma certa institucionalidade a formas de sociabilidade diversas” (p. 96). Nessa premissa, acreditamos que os espaços sociais e suas construções têm um potencial que permite captar não somente anseios, como também projetos elaborados por trabalhadores/as.

Por meio dos estatutos, com diferentes ofícios em suas associações, grupos de trabalhadores buscaram agenciar esforços com estratégias diversificadas no que diz respeito às ações educativas. As publicações de estatutos de associações e organizações de trabalhadores podem ser compreendidas como uma forma de (in)formar os trabalhadores e trabalhadoras, e mesmo dialogar com possíveis outros públicos leitores por meio da divulgação de suas iniciativas. Considera-se que, mais do que passar as normas, objetivos e finalidades de determinadas organizações, esses registros possuem caráter formativo e de interação com os trabalhadores.

Para Costa (2016), a cultura letrada e a instrução possuíam destacada importância nos debates e iniciativas das referidas organizações, com aspirações por aulas, bibliotecas e conferências. Deste modo, evidencia-se, com essas categorias e ofícios diversos, aspirações e expectativas referentes a iniciativas na busca por autonomia frente às adversidades. As produções por meio de estatutos e demais informações, como assembleias, reuniões e demais publicações demonstram práticas associativas de perfis e finalidades distintas, mas que atuavam em busca de suas representações.

As experiências registradas por meio dos estatutos coexistiram aos debates de diferentes atores e grupos sociais que se debruçaram sobre a temática da educação, em meio aos desafios da instrução pública, e na construção de críticas à condução do Estado. As atas e os balancetes também expressam produções elaboradas pelos trabalhadores, bem como refletem o valor dado aos registros para planejamentos e ações empreendidos pela referida união.

É perceptível a elaboração dos estatutos como um instrumento de debate e discussão realizado de forma coletiva e de maneira processual. Sob essa perspectiva, é possível observar uma publicação que desejava informar, registrar, caracterizando elementos formativos da união em sua natureza. Destaca-se, dentre um número expressivo de associações no período, a União dos Alfaiates com sua sede na Rua Senhor dos Passos, ao anunciar a assembleia, que indicia as etapas previamente planejadas das reuniões. A iniciativa contava com leituras dos balancetes relativos aos meses anteriores, demonstrando ações para manter os membros associados informados e demonstrava as ações por eles pretendidas e realizadas (*Voz do Povo,* 8/03/1920).

Com o propósito de contextualizar os trabalhadores envolvidos, as atas, enquanto produções elaboradas com e por trabalhadores, apontam um planejamento das reuniões como espaço formativo, que contavam com a leitura em grupo e o planejamento por meio das etapas publicizadas.

As atas de reuniões geralmente possuíam a finalidade de descrever o evento realizado, informando, muitas vezes por meio de leitura em voz alta, as etapas de assembleias, reuniões e demais sessões de associações. Tal iniciativa cumpria com o objetivo de manter os envolvidos informados dos passos realizados e dos próximos planos, enquanto espaço formativo, tratando de diferentes temáticas que atravessaram o *fazer-se* das classes trabalhadoras. Como registro do primeiro secretário da União dos Alfaiates, pode-se perceber o planejamento e organização da assembleia:

[...] Ordem do dia:

Leitura da ata;

Leitura dos balancetes de junho de 1924 a maio de 1925;

Leitura dos balancetes da aula de corte e do festival.

Indicação da comissão revisora dos mesmos;

Continuação da discussão dos estatutos;

Assuntos gerais.

Dada a importância dos assuntos que temos a tratar, e além disso, devido a muito tempo que esta associação não se reúne, é de esperar que os companheiros não faltem. – O 1º secretário (*A Classe Operária*, 4/07/1925, p. 3).

**Consideração finais**

Sem desconsiderar a importância da escola no processo formativo, sendo a própria escolarização uma demanda também expressamente pontuada na defesa pela expansão da oferta de ensino público por parte das forças governamentais, a dinâmica com as assembleias e reuniões e até mesmo o registro por meio das atas nos provoca a pensar como os sujeitos se constituíram, formaram-se e, portanto, participaram ativamente dos seus processos educativos nas variadas circunstâncias em que viveram. Assim, a construção das propagandas, das comissões de estatutos e desses cargos são consideradas ações educativas construídas pelos trabalhadores, como uma parte integrante de um projeto educacional pleiteado pelos grupos de sua classe. Nota-se um dinamismo que envolvia diferentes iniciativas, dentre as quais reuniões, conferências, palestras e demais práticas sociais e educativas em prol dos interesses da classe.

A coletividade proporcionou solidariedade, buscas, tensões e enfrentamentos, em meio a caminhos na luta por seus direitos, diante de uma sociedade hierarquizada, na qual as desigualdades sociais escancaravam as forças exploratórias. Assim analisar a mobilização das associações de trabalhadores em torno da sua educação permite compreender os movimentos das associações de trabalhadores considerando como experiências educativas.

Disputas, posicionamentos ideológicos e políticos distintos, mas também solidariedade e interesses em comum perpassaram as histórias de homens e mulheres que viveram na cidade do Rio de Janeiro no período das primeiras décadas do século XX, em ativa participação sobre seus processos de vida. Trabalhadores nacionais, afro-brasileiros, imigrantes de diferentes regiões atuaram frente aos processos e dinâmicas de suas vidas objetivando conquistar direitos. Nas associações, buscaram resistências e proposições e, em meio às dificuldades da lida e possibilidades de ascensão, também em criar negociações. Com permanências, rupturas e continuidades, podemos dialogar com os aspectos culturais concernentes às iniciativas das associações de trabalhadores e suas múltiplas potências.

**Referências**

BATALHA, Cláudio H. M. Cultura associativa no Rio de Janeiro da Primeira República. *In:* BATALHA, Cláudio H. M.; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre. (org.). **Culturas de Classe:** identidade e diversidade na formação do operariado. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004.

BATALHA, Cláudio H. M. (Org.) **Dicionário do Movimento operário:** Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*.* São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BATALHA, Cláudio H. M. **O movimento operário na primeira República.** Rio de Janeiro, Zahar, 2000, pp.7-68.

COSTA, A. L. J. Educação e formação da classe trabalhadora no Rio de Janeiro entre as últimas décadas do século XIX e os primeiros anos do século XX. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 16, n. 4 (43), p. 123-154, out./dez. 2016. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/40729>. Acesso em: 04 nov. 2020.

THOMPSON, Edward Palmer.**A miséria da teoria ou um planetário de erros.** Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1981, p.180-201.